

Sobre lanchas e petroleiros

NOENIO SPINOLA*

Pergunte ao presidente Fernando Henrique Cardoso sobre reformas pendentes, como a Tributária, e ele responderá com surpreendente tranqüilidade que vai fomentar a discussão de uma minuta elaborada pelo Ministério da Fazenda. E mais: "o assunto poderá ser resolvido ainda este ano, depois de outubro".

É provável que a segurança com que o presidente vê o horizonte deva-se mais ao sentido do tempo exato do sociólogo que ao apetite do político. Cedo ou tarde o Brasil terá que optar pela navegação rumo ao futuro embarcando numa lancha voadeira ou em um navio de grande calado.

A necessidade da previsibilidade num mundo globalizado pode ser medida de várias formas. Tome, por exemplo, essa data: 2 de janeiro de 1999, primeiro fim de semana do último ano antes da virada do século. Talvez ela não lhe diga nada. Mas é a data de introdução do Euro, o novo padrão monetário europeu. Se tudo correr conforme o figurino, quem desembarcar na Europa por volta de 2002 não verá mais o franco francês, o marco alemão, a libra esterlina, a lira italiana, a peseta espanhola. Sessenta anos atrás aqueles que subscreveram o Euro entravam na guerra.

O que há de relevante no futuro previsível nesta virada de século é a forma implacável como as sociedades mais organizadas vão se diferenciando do terceiro e quarto mundos. Tome uma vez mais o caso europeu: multinacionais estão revendo seus sistemas de entrada de créditos e débitos, bolsas estão reestruturando contratos, sistemas de *swaps* (trocas) foram reescritos, bancos

centrais estão ativamente mudando os mecanismos de *clearing* para acelerar a integração econômica.

Transporte a necessidade de preparação para o futuro para um país chamado Brasil e veja o que aconteceu nas duas ou três últimas décadas. A passagem do governo Kubitschek para Jânio Quadros terminou com João Goulart e caos. O regime militar de 1964 embarcou num plano de ação (Paeg) desenhado por Roberto Campos, logo substituído pelo pragmatismo de Delfim Neto ("o longo prazo é a soma dos curtos prazos"). O retorno à democracia levou ao poder um presidente que não assumiria (Tancredo Neves) e outro que uma vez instalado no Palácio do Planalto teve que compartilhar a autoridade com um partido que não o assimilou como líder nacional.

Dezenas de planos econômicos, hiperinflação, descontinuidade administrativa, cruzeiro, cruzeiro novo, cruzado, colcha de retalhos política. Parta deste cenário para um diálogo com o candidato Fernando Henrique Cardoso e imediatamente ficará claro a principal arma com que o sociólogo parece contar em sua campanha eleitoral. Teremos depois das eleições de outubro um país mais previsível do que o Brasil dos últimos 20 ou 30 anos? Que economia teremos em 2 de fevereiro de 1999? Que discurso faremos quando a União Européia vier a se reunir com o Mercosul no Rio, em 1999?

Com certeza a previsibilidade é um ativo a favor de FH, principalmente porque os partidos da oposição parecem querer chegar a outubro como lanchas voadeiras. Num dia condenam o capital estrangeiro, no outro batem palmas a ele. Num dia falam em desenvolver a poupança no mercado interno,

no outro votam a favor dos marajás da apoiada sentadoria. Como acreditar no que vierem a declarar nos palanques?

Enquanto os cenários não se definem, aquelas fatias da sociedade que por dever de ofício mais investigam o futuro – as indústrias, o sistema financeiro e particularmente as empresas voltadas para o comércio exterior – estão inquietas. O sentido da urgência e a necessidade de previsibilidade foram transmitidos por exportadores ao secretário da Câmara do Comércio Exterior, José Roberto Mendonça de Barros, numa reunião realizada no World Trade Center de São Paulo.

Os números ajudam a pensar: em 1950 as exportações representavam 8,9% do PIB. Chegaram a 12% em 1985 e hoje representam 6,6%. Ao contrário do que pensam os que adoram a idéia do Brasil autárquico, entre 1950 e 1997 as importações quase não cresceram em comparação com o PIB, passando de 7,14 para 7,64%. O que perdeu dinamismo foi a máquina de vendas. E essa máquina só será reacelerada com previsibilidade.

O caso "euro" presta-se a reflexões sobre a possibilidade de os países redesenarem o futuro sem que os atores envolvidos percam a identidade política. A moeda única não apenas recosturou economias separadas por trincheiras numa guerra mundial, mas ainda, uma colcha de retalhos políticos onde se enfrentam regimes e lideranças socialistas, social-democratas, trabalhistas e diferentes matizes de centro-direita. Por que seriam os europeus previsíveis e o Brasil, não?

E-Mail: noenio@ibm.net

*Jornalista